

UMA JORNADA GLORIOSA DO POVO DE LISBOA

Mais de 80.000 pessoas — trabalhadores manuais e intelectuais — foram ontem a Belém manifestar perante o Chefe de Estado a sua repulsa pelas afirmações do parlamento, onde se derrubou um governo por ter dito que “a guarda republicana não foi feita para fusilar o povo” e que estava “ao lado dos explorados contra os exploradores” O Povo de Lisboa está disposto a não se deixar dominar pelas “forças vivas”! A manifestação grandiosa que ontem se realizou apontou ao parlamento e aos governos o verdadeiro caminho: “Pelos explorados contra os exploradores”! Que os futuros governos e os deputados acatem as eloquentes indicações que o povo lhes dá. Senão... não!

O Povo de Lisboa, em muitos milhares de pessoas, podendo calcular-se em mais de oitenta mil, foi ontem a Belém significar ao Presidente da República o seu protesto por se ter posto termo à situação política José Domingues dos Santos, pelo facto deste ter afirmado que a Guarda Nacional Republicana não tinha sido criada para espingardear o Povo. Teve ocasião o Presidente da República de defrontar a multidão e perceber-se bem da sua importância e grandiosidade. Embora os jornais das “forças vivas” lhe digam hoje que na manifestação não tomaram parte senão algumas dúzias de bandidos que deveriam estar nas cadeias, o sr. Teixeira Gomes sabe bem que não é esta a verdade, porque viu bem com os seus próprios olhos, ouviu com os seus próprios ouvidos, como essa multidão, numerosíssima, soube manter-se com uma grande correção e até verdadeira cordialidade para com o chefe do Estado, que

não podendo ser para todos a expressão do seu credo político ou social, representava a República ameaçada pela reacção e que ele encarna na sua mais sincera aspiração de liberdade e de progresso. Estão nitidamente postos os dois campos: a um lado os exploradores, pretendendo exercer influência no Estado, tentando tomar conta do poder, para servir os seus interesses particulares, que são diametralmente opostos aos interesses da população; ao outro lado os explorados, sentindo que a República será um miserável ludíbrio para os próprios republicanos se se prestar ao jogo da finança, do alto comércio e da indústria e dispondo-se a exercer toda a pressão que puderem para que a República não desça a essa situação infamante. Unem-se os reacçãoários e isso nos leva, aos elementos populares, a unirmo-nos também. Até que ponto vai a nossa aliança? Não sabemos ainda. Mas, arrastados pelos acontecimentos, pelo próprio risco que estão correndo as liberdades pú-

blicas, não podemos neste momento cada um de nós marcar nitidamente a nossa posição, pretendendo impor aos outros os nossos princípios, os nossos processos de luta, os nossos meios de acção. Confundimo-nos um pouco na mesma massa, que é a multidão inquieta pelas preocupações do futuro e disposta a todos os sacrifícios para assegurar um pouco mais de bem estar e liberdade. Tudo isso resulta da manifestação de ontem. Firmou-se um pacto entre todos os explorados contra os seus exploradores. O Presidente da República poderá amanhã testemunhá-lo a todos os políticos que queiram levá-lo a organizar um gabinete das direitas contra os interesses da população. Para que o soubesse, para que sentisse bem viva e palpitante a aspiração da massa popular, é que essa manifestação se fez. O povo cumpriu assim o seu dever, dando uma indicação clara e precisa ao sr. Presidente da República. E estamos certos que o sr. Teixeira Gomes cumprirá também o seu aceitando-a.

Como decorreu a manifestação

O mau tempo ameaça o êxito do protesto contra as “forças-vivas”

O pior inimigo das manifestações públicas é o mau tempo. Não há ninguém que não hesite, por muito arrazadas que sejam as suas convicções, perante simples nuvens ameaçadoras que obscureçam o azul limpo do céu.

Ontem, a manhã apresentou-se tempestuosa. Vento rijo, chuva torrencial. Cada pessoa que tentava incorporar-se na manifestação promovida pela União dos Interesses Sociais disse para consigo: «Com este tempo pouca gente se arriscará a passear em plena rua. É preciso que me arrisque eu, para salvar a situação». E cada um convenceu-se de que seria no Terreiro do Paço o único manifestante.

Mas, logo surgiram vários rapazes e operários distribuindo, indiferentes à chuva que os encharcava, manifestos, convidando o povo a manifestar-se contra as “forças-vivas” e contra o parlamento que as apoiava. Este manifesto reanimou os ânimos. O tempo, porém, é que não se convenceu — e durante toda a manhã choveu, choveu, como se o Padre Eterno, seguindo o exemplo de certos deputados, se tivesse passado para o lado dos exploradores, a fim de impedir que os explorados se manifestassem...

A paralisação do trabalho — No Barreiro, nos Arsenal e obras tudo parou

Quando bateu meio dia, a chuva persistia em cair cruelmente. Mas o operariado deixou de hesitar: valia mais apanhar uma molha do que dar às “forças-vivas” uma impressão de fraqueza popular. E abandonou o trabalho. As classes marítimas, logo de manhã, haviam paralisado. Os cais e entrepostos do porto de Lisboa ofereciam um aspecto de grande desolação e abandono. Oficinas e fábricas, Arsenal do Exército e da Marinha e outras indústrias cessaram o labor ao meio dia. Os meios fabris de Alcântara e Poço do Bispo ofereciam um espectáculo novo, pois os operários invadindo as ruas, comentavam a actual situação com entusiasmo, onde não faltava a ironia irreverente e gaiata, com que os exploradores e os seus serventuários eram mimoseados.

As oficinas ferroviárias do Barreiro paralisaram por completo, tendo os vapores que atravessaram o Tejo navegado sob um carregamento humano desusado e, por vezes, perigoso, devido à agitação. Tudo convergia para a Praça do Comércio, local de onde devia partir a manifestação.

A direcção da Associação do Pessoal da Imprensa Nacional fez distribuir um manifesto convidando o pessoal a comparecer no Terreiro do Paço, em harmonia com a determinação da U. S. O., e todo o pessoal abandonou o trabalho ao meio dia.

Pode dizer-se que, apesar do tempo não dar mostras de aliviar, o operariado de Lisboa abandonou o trabalho. Os operários que trabalham nas obras do Banco do Minho, convidados por uma comissão a seguir o exemplo dos seus camaradas, acederam imediatamente.

Apesar dos jornais dos exploradores trocarem as horas, a multidão aglomera-se no Terreiro do Paço

Pelas 13 horas já se encontravam no Terreiro do Paço alguns milhares de manifestantes. Sob a chuva impiedosa não arredavam pé. Comentando acremente as forças vivas, a multidão aumentava constantemente. Muitos perguntavam a que horas, afinal, partia a manifestação. Havia jornais que anunciavam para as 16 horas. O *Século*, órgão das forças vivas, duvidava até

da sua realização, a fim de estabelecer a desorientação no espírito do povo. A's 14 horas já no Terreiro do Paço se encontravam mais de 20.000 pessoas. Chegaram então os delegados que compunham a comissão que iria entregar a representação da União dos Interesses Sociais ao Chefe do Estado.

A's 15 menos um quarto, a manifestação pôz-se em marcha pela rua do Arsenal. Foi quando ela se alongou pela rua fora que se verificou a sua imponente.

O povo dos arredores acorria em massa a Belém

Entretanto, pouco mais ou menos à mesma hora, de Pedrouços, Algés, Cruz Quebrada, Dafundo e até de Caxias e de Oeiras, grupos numerosos de operários partiam em direcção a Belém.

O tempo aliviou um pouco. Lentamente na vasta praça de Belém alguns milhares de pessoas foram-se aglomerando, à espera da manifestação.

Em Alcântara também muita gente aguardava o grosso dos manifestantes.

Pelo trajecto, as esquadras da polícia estavam encerradas, o que contribuiu poderosamente para a boa ordem que se manteve até final.

O suplemento de “A Batalha” de ontem causou sensação

E a manifestação, muito serena, continuava agora pelas ruas de São Paulo e Boa Vista. Quando a cabeça do cortejo chegou ao Conde Barão ainda a cauda passava no Corpo Santo.

Foi neste momento que a serenidade do cortejo foi alterada por um incidente desagradável. Os vendedores dos jornais surgiram apregoando:

— A Batalha!
— O suplemento de A Batalha!
A multidão agitou-se. Houve atropelos. E o Suplemento que publicámos ontem, e

O cortejo assume proporções grandiosas

Pela Junqueira, o cortejo era impressionante. Já se lhe haviam juntado os operários que o esperavam em Alcântara. Quem, como nós, esprietasse de Santo Amaro, só veria por toda a extensa rua da Junqueira, um rio caudaloso de cabeças e chapéus de chuva. Não se sabia onde principiava nem onde acabava a onda humana, a grande vaga dos explorados, da “malta” como as “forças vivas” lhes chamaram!

E comentava-se: — Nunca se realizou uma manifestação como esta!
— E exclamava-se: — É formidável!
— É imponente!
Parece que todo aquele povo teve naquele momento a consciência da sua força.

A imponente chegada da multidão em frente do Palácio de Belém

Quando, finalmente, a multidão chegou ao vasto largo em frente do palácio de Belém, já a aguardava outra multidão, cujo número algum computava em 20.000 pessoas. Como um rio caudaloso que de súbito se despenha num estuário amplo, o povo inundou o largo, cobrindo-o, enchendo, num rumor soturno de milhares de vozes que conversam, lembrando o ruído constante e imponente das vagas alterosas do Oceano. Era impressionante!

Na entrada de honra do Palácio juntaram-se os membros da comissão da União dos Interesses Sociais, formada por Rozeno José Lima, Amadeu de Moura, drs. Campos Viana, Sobral de Campos, Ramada Curto, Amâncio de Alpoim, Miguel Correia

A comissão da U. I. S. entra no palácio da presidência

A comissão entrou para a sala das Bicas, onde a aguardava o sr. Barreto da Cruz, chefe do protocolo. Ao subir as escadas alcatifadas, o dr. Reis Santos exclamou com ironia: — A lama não nos poupa! Viemos a pé. Depois do sr. Barreto da Cruz, como era da praxe, a representação de que a comissão era portadora, abriram-se as portas da sala, vindo-se, ao fundo, o dr. Teixeira Gomes acompanhado dos seus secretários.

Após ter cumprimentado, um a um, os membros da comissão, o Presidente da República demorou-se um pouco a conversar com Virgínia da Silva, que lhe manifestou o seu desagrado pela maneira como a imprensa se referia aos assuntos operários e defensão dos exploradores.

O dr. Teixeira Gomes disse-lhe, sorrindo: — A imprensa é uma arma de dois gumes. Faz bem e faz mal...

A leitura da mensagem da U. I. S. perante o Chefe do Estado

Após breves palavras de preâmbulo, o dr. sr. Reis Santos, leu então a mensagem: «O povo de Lisboa, e nomeadamente as agremiações republicanas, o partido socialista, o partido comunista, a organização operária pelo seu organismo local U. S. O., o “comité” dos partidários da U. S. V., que constituem a União dos Interesses Sociais, veem junto de V. Ex.ª significar o seu mais

sincero, consciente e enérgico protesto contra o facto de se fazer cair um governo (seja ele qual for) pelo motivo de este afirmar que «a Guarda Nacional Republicana não existe para espingardear o Povo», e de que «se encontra ao lado dos explorados contra os exploradores».

E mais vem significar a V. Ex.ª, que este povo está unido no forte e decidido apoio para defesa de esses bem limpidos e sagrados princípios em que certamente a mesma G. N. R. honradamente comunga.

Excelência: O povo de Lisboa, ao manifestar-se dentro das mais legítimas bases duma verdadeira democracia e dos seus mais indelétricos direitos, sente, ao proceder assim, o dever de significar também a V. Ex.ª que plenamente confia em que as altas virtudes morais e intelectuais do Chefe do Estado saberão inspirá-lo no sentido desta manifestação e convencer-lo de que não será d'ora ávante possível qualquer governo que defenda os princípios opostos, ou seja: «Que a G. N. R. se fez para espingardear o povo», «Que se deve governar ao lado dos exploradores contra os explorados».

Seguem as assinaturas de dr. Reis Santos, Martins Santareno, Amadeu Moura, dr. Sobral de Campos, António Monteiro, Augusto Dias da Silva, dr. Amâncio de Alpoim, Rozeno José Viana, João Pedro dos Santos, Júlio Luís, José Santos, Miguel Correia, Celestino de Vasconcelos, Bento Nunes Godinho, António José Figueiredo.

Durante a leitura o Chefe de Estado, que a escutou em silêncio, mostrava-se visivelmente comovido. Em seguida disse: — Sinto uma grande alegria ao ver a grandiosa manifestação do povo de Lisboa.

Agradeço-a na parte que se refere ao Chefe do Estado.

Não queria, afirmou, entrar na apreciação dos motivos próximos ou remotos que determinaram a manifestação. Apenas lhe importava saber que esses motivos eram ensejo a um ressurgimento das aspirações liberais e fazia entrever a possibilidade do povo da capital abandonar o seu indiferentismo, intervindo mais directamente na marcha dos negócios públicos.

Atribuíram-me — explicou — alguns jornais a afirmação de que esta era uma pequena crise, palavras que não proferi. Mas direi agora: se acaso foi esta crise que determinou o interesse do povo pela vida pública, considero que ela foi uma crise salutar.

Está convencido de que a transformação das instituições num sentido progressivo reside unicamente no melhoramento económico e moral da humanidade.

Todas as vezes que me tenho dirigido ao Povo, peço-lhe exactamente que intervenha na vida pública, que siga todas as suas manifestações, acompanhando-as com interesse e com carinho.

Como chefe do Estado, fiz juramentos que cumprirei até ao fim. Não há nenhum poder no mundo que me obrigue a faltar a eles. Respeito a Constituição e sigo as indicações do parlamento. A maneira como tenho desempenhado, durante um ano, o meu cargo dá ao povo o direito de esperar que solucione a crise conforme os interesses da colectividade.

O dr. Reis Santos congratulou-se com as palavras do Chefe do Estado, assegurando-lhe que o movimento popular prosseguirá.

O presidente é acolhido com viva simpatia pelos manifestantes

O nosso camarada Miguel Correia pediu ao Presidente da República que chegasse à varanda para acolher as manifestações populares. Declarou que acederia se o seu «viva à república» fosse correspondido.

Quando o dr. Teixeira Gomes assumiu, acompanhado pela comissão, nos taboleiros superiores do jardim, uma formidável salva de palmas rebou por todo o largo. E as palmas persistiram durante o curto trajecto que o presidente da república fez até à larga varanda.

Toda a multidão se agitava, como um mar encapelado. E nas pontas das bengalas e dos chapéus de chuva levantados ao alto, milhares de exemplares de *A Batalha* fluíam como pedões de guerra. Era uma homenagem justa e eloquente ao único jornal que defende os interesses sagrados do povo e que não está enfiado às oligarquias exploradoras.

Mais de 80.000 pessoas — há quem afiançe maior ainda o número dos manifestantes, o que nos parece também, embora não queiramos exagerar — ergueram ao mesmo tempo a voz, num grito unânime e prolongado, um grito que era mais do que um viva à república, um viva ao povo explorado, à humanidade sofredora.

Comovidamente, o dr. Teixeira Gomes abraçou Virgínia da Silva, beijando-a, respeitoso, na fronte.

Este espectáculo comovedor foi coroado de aclamações vibrantes; agitavam-se os chapéus, os braços, numa mobilidade dum formigueiro enorme, fantástico, como não existe senão em sonhos.

A manifestação dispersou ordeiramente — A G. G. T. e “A Batalha” vitorias



A multidão em frente do palácio de Belém protestando contra a atitude do parlamento e das “forças vivas”

dando vivas à Confederação Geral do Trabalho, à A Batalha, à República e ao Povo Trabalhador.

E assim terminou mais uma gloriosa jornada do povo de Lisboa, sempre pronto a lutar pela causa da Liberdade e da Justiça.

Que esta manifestação — tão grandiosa, tão eloquente pela sua serenidade e ordem — aproveite aos exploradores que falam em nome do país e aos deputados que fazem o jogo dos exploradores.

Notas soltas

A manifestação foi duma grande importância. E' inútil, é impossível pensar em diminuir-la.

Algumas opiniões:

O dr. sr. Reis Santos declarou que desde o enterro de Heliodoro Salgado ainda se não produziu outra que se lhe pudesse comparar.

Um velho e prestigioso democrata afirmou que desde 1890 nenhuma teve um tão grande concurso de povo.

A um político ouvimos dizer ontem, na «Brasileira do Chiado», que já tinha visto muitas manifestações populares para derrubar ministros, mas que esta era a primeira que se tinha feito para protestar contra a queda dum governo. Fechou as suas afirmações dizendo que a manifestação tinha dado ao Parlamento um cheque formidável.

Esta vez os jornais monárquicos, com «O Dia» à cabeça, entregaram-se a detestáveis e desleais processos de jornalismo para deprimir a manifestação. «O Dia» diz que viu no Terreiro do Paço uns grupos de reduzido número... e nada mais. O mesmo jornal refere que em Belém, quando o Chefe de Estado soultou um «viva à república», os manifestantes responderam com vivas à anarquia e morras às «forças vivas». Não é verdade. Os republicanos corresponderam ao viva levantado pelo Chefe do Estado, enquanto os operários se limitaram a dar palmadas, não se tendo por delicadeza manifestado consoante as suas ideias.

A Batalha editou ontem um suplemento que saiu à hora da manifestação. Teve uma grande tiragem de muitos milhares de exemplares, avidamente procurados. Esgotou-se rapidamente.

Os manifestantes levaram não só Belém afilhados nos chapéus e em improvisados «placards».

A manifestação, ao entrar no largo de Alcântara, foi recebida entusiasticamente por muitas ovariinas. Também grande número de marinheiros e soldados saudaram vibrantemente os manifestantes.

A manifestação decorreu ordeiramente, envolvendo mesmo um outro insignificante incidente, inevitável onde quer que haja grandes aglomerações humanas. O povo afirmou mais uma vez que é desnecessária a presença da polícia para manter a ordem. O mais sólido esteio da ordem é a liberdade.

Fez ontem 6 anos que foi derrubada, no Porto, a caricata monarquia que ficou conhecida pelo pitoresco título de reino da Traulitania. Precisamente ontem se fazia uma manifestação contra o reaccionarismo ditatorial das «forças vivas». A liberdade comemorava-se com a liberdade! Os manifestantes de ontem são irmãos daqueles que, há 6 anos, no Porto, puseram fim a uma efêmera e ridícula aventura regressiva a um passado definitivamente morto.

Um gesto simpático

Veiu à nossa redacção Raúl Pinto, electricista da casa Parry & Son, que não tendo podido acompanhar a manifestação de ontem por ter de concluir um trabalho indispensável à laboração das oficinas, não quis entretanto deixar de manifestar o seu protesto contra os manejos da U. I. E., pelo que contribuiu para os presos por questões sociais com o salário do meio dia que não pôde deixar de trabalhar.

União dos Interesses Sociais

Reuniu ontem, tendo, depois de usarem da palavra Amâncio de Alpoim, Andrade Saraiva, Rozendo Viana, João de Oliveira Gonçalves e Virgílio de Sousa, resolvido saudar o povo que ontem tomou parte na manifestação, e que se nomeasse uma comissão executiva na próxima reunião, delegada dos organismos representados.

Resolveram também realizar amanhã, em vários pontos da cidade, sessões de propaganda.

UM MALANDRO!

Um malandro afirmou ontem, num comódo do Estoril, que o papel em que era impressa a «Batalha» era pago pelo sr. Soto Maior. Declarou igualmente que possuía provas do que dizia. Não convidamos esse malandro a apresentá-las porque as não tem, e, principalmente, porque ele se não dará por achado, mantendo-se no silêncio e no anonimato próprio dos calculadores. Aqui há tempos, a propósito dum caso semelhante, fizemos um convite ao dr. Amor de Melo, sem que tivéssemos obtido qualquer resultado. Aos pulhas não há outro remédio senão tratá-los e considerá-los como tais.

A guerra em Marrocos não cessará

TANGER, 12.— Os rebeldes marroquinos chegaram às proximidades da zona internacional, considerando-se imminente a continuação das hostilidades com as forças espanholas. — (L.)

A reforma da legislação penal na Dinamarca

O actual governo dinamarquês, que há tempos apresentou um projecto para o desarmamento completo do seu país, acaba de propor uma reforma na legislação criminal.

São sensivelmente diminuídas as penas para os delictos cometidos contra o Estado. Em compensação são aumentadas as penas por crimes contra as mulheres e crianças.

A especulação, as fraudes nos géneros de primeira necessidade são punidos com uma grande severidade.

E' abolida a pena de morte.

A ARTE E OS ARTISTAS

Inaugura-se hoje, no Salão Bobone, a exposição de pintura do artista sr. Simão da Veiga.

A exposição encerra no dia 21 do corrente.

NA UNIÃO DOS INTERESSES ECONÓMICOS

Começam a surgir os descontentes

Sabemos que uma parte dos mais modestos comerciantes, a quem já está apavorando a luta que se está acendendo entre o comércio e o povo consumidor, começa a manifestar-se, embora surdamente, contra os responsáveis por essa atitude bélica das «forças vivas», não ocultando o seu desagrado pela acção comprometedora de Pereira da Rosa, Alfredo Ferreira e Roque da Fonseca, os principais meneurs do movimento.

De mais a mais, dizem esses mesmos comerciantes, no fim de contas aqueles que botam figura, ascendem às melhores posições onde arranjam a vidinha, e eles, os mais modestos comerciantes, que são a maioria, mais uma vez servem de degraus.

Por outro lado, segundo nos informam, também na célebre União dos Interesses Económicos já começa a surgir a intriga porque todos os mandões querem ser deputados.

Já estão certas as candidaturas dos srs. Levi Marques da Costa, Pequeto Rebelo, e Trindade Coelho, mas há grandes preocupações devido à dificuldade em garantir círculos para Pereira da Rosa, Alfredo Ferreira, Amzalac, e o indispensável e importante Roque, que também quer salvar a Pátria.

O pior é que o pequeno comerciante e o pequeno industrial começam a perceber que apenas estão servindo de instrumento para tais especuladores soprarem a sua vaidade e despeito!

Um senhorio ganancioso

Na Avenida Duque de Avila, torcendo para a rua Marques Sá da Bandeira, existe um magnífico prédio de 4 andares e sótão com o n.º 124 e pertencente ao sr. Afonso Vilar, engenheiro e professor dum dos liceus da capital.

A todos os inquilinos que ali habitam, e alguns desde a sua construção, 1915, foi-lhes entregue no acto do arrendamento um quarto no sótão para arrumações.

Pois pretendia agora o senhorio esbulhar os inquilinos daqueles quartos, e para isso ordenou ao porteiro e a mais quatro trabalhadores da sua quinta, que a horas e em que os inquilinos se encontravam nas suas ocupações, assaltassem e arrombassem as portas dos referidos quartos e puzessem tudo que ali estava arrumado no saguão, tendo sido recomendado aos assaltantes que o fizessem sem barulho para que não desse nas vistas a qualquer das famílias ali moradoras.

Dado, porém, o alarme, foram avisados pelo telefone alguns dos inquilinos, que imediatamente compareceram com um advogado, não conseguindo o senhorio desocupar senão dois quartos, dos quais levaram as respectivas portas. Os inquilinos apresentaram queixa em juízo contra o senhorio.

Faça-se justiça

Manuel Mendes, que se encontra preso na enxóvia n.º 2 da Cadeia Civil do Porto, foi condenado em 27 de Janeiro de 1919 a quatro anos de prisão maior celular ou em seis anos de degrado. Não foi ainda remetido ao seu destino por falta de saúde; entretanto decorreram já quatro anos sobre o seu julgamento e mais de seis desde a sua prisão. Deveria portanto ter já sido posto em liberdade, pois a pena a que o condenaram está já bem cumprida. Porque o não libertaram ainda?

Os políticos

Pelo sr. Armando de Azevedo foi editada uma carta aberta ao sr. Agostinho Lanza, a propósito da sua questão com Cunha Leal, da qual julgamos interessante registar o período que segue:

«Quando v. ex.ª foi governador civil de Lisboa e me mandou prender, não foi porque eu pretendesse matar — engraçado pretexto! — o herói Cunha Leal, então presidente de ministros, mas, simplesmente, porque eu a jantar num restaurante da Baixa trocava várias impressões com um ilustre africano e de lá colhiera que o sr. Cunha Leal apaixonara-se tanto pelo jogo em Loanda que até por lá se lançou num desfalque, arrumado generosamente por amigos de s. ex.ª».

«Revista do Algarve»

Está publicado o primeiro número da «Revista do Algarve», uma das melhores publicações que, no género, ultimamente se tem publicado.

E' dirigida pelo sr. António de Monsanto e traz colaboração de Julio Dantas, Julio Quintinha, Sousa Costa, Candido Guerreiro, João Lúcio, João Fernandes, José Dias Gancho, Assis Esperança e muitos outros escritores algarvios.

O aspecto gráfico também é interessante, composto com belas fotografias do Algarve e desenhos de Bernardo Marques e Roberto Nobre.

Encontra-se à venda em todas as livrarias.

SOCIALISTAS E COMUNISTAS

Faz-se há a fusão da II com a III Internacional?

A proposta feita pela delegação britânica, na Federação Internacional de Amsterdão, para que houvesse uma conferência oficial com o Conselho da União Sindical pan-russa, foi rejeitada por 13 votos contra 6.

No entanto, foi aprovado por 14 votos contra 5 a resolução de admitir a União Sindical pan-russa se esta exprimisse esse desejo.

Neste último caso a Federação Internacional Sindical está pronta a conferenciar em Amsterdão com os delegados russos se a União pan-russa se filiar na Federação Internacional Sindical.

Alguns membros da Federação não creem que os russos aceitem, em vista das declarações de Losowsky e outros «leaders» russos e segundo as suas ideias, a «sentença» de Amsterdão, que implicaria a dissolução da Internacional Sindical Verdadeira, não podia ser aceite sem a criação duma nova Internacional operária, cuja constituição não se parecia nada com a de Amsterdão.

OS INTELECTUAIS E AS OLIGARQUIAS

O escritor Raúl Brandão afirma a sua solidariedade à causa dos trabalhadores

A juntar nos depoimentos que temos publicado de alguns intelectuais, acerca do movimento oligarca que ameaça os portugueses, temos hoje um de alto valor mental e moral. E melhor companhia e sanção não poderiam desejar os trabalhadores, do que esta, que hoje registamos, da grande figura de escritor e artista que é Raúl Brandão.

Nesta hora de crise e de perigo para os que aspiram a uma sociedade melhor, o mais notável, um dos mais humanos dos nossos escritores, vem com a sua palavra de artista, velho e glorioso, cabouqueiro das lutas literárias, dizer ao povo que sente a sua dor, que compreende o seu verbo ardente, que confia em que um dia chegará a nossa hora de justiça.

A digna atitude de Raúl Brandão, tão alta como a sua obra, compensa-nos das muitas violências e insultos.

Podem aqueles que, pelos interesses e comodidades trocaram os ideais, gritar que despresam os elevados sentimentos de solidariedade humana; podem, esses, enfim, gritar que nos despresam, que nós, triunfalmente, lhes apontemos o exemplo de Raúl Brandão, cuja obra é muito mais eterna do que a fortuna de qualquer novo rico, do que as arrogâncias de qualquer banqueiro analfabeto.

«Acima de tudo o amor, o respeito que nos merece a humanidade»

Que pensará o formidável escritor da «Farça» e dos «Pobres», sobre o momento social?

Raúl Brandão, arqueando o seu belo arco cabouqueiro de latador sobre a mesa de trabalho, atende às nossas razões, e não oculta uma humana revolta, que é mais magua do que revolta, iluminando duma digna sinceridade os seus olhos claros que tão bem sabem ver.

«Estou longe, muito longe de conflitos, nada peço a governos, nem me importa com a política — começa o grande escritor. Mas, no isolamento que procuro para cuidar da minha obra — uma obra onde vive, principalmente, o povo humilde — ouço o rugido dos desordenados apetites, e sinto que não corre tempo propício para o domínio de quaisquer oligarquias.

«A guerra, a grande guerra, foi uma página cruel de sacrifícios, escrita com o sangue vermelho do povo humilde. Esse sangue não correu apenas para que os homens ricos e poderosos pensassem nos seus negócios.

«Necessariamente, a guerra criou novos horizontes às causas sociais, e neste sentido não podemos deixar de reconhecer que se está criando uma nova mentalidade.

«Para além de todas as políticas, de todos os interesses, acima de tudo, o amor, o respeito que nos deve merecer a humanidade.

«Então concorda com os protestos dos trabalhadores?»

«Concordo com todos os protestos justos. E, sem ser partidário de violências, creio firmemente que aos trabalhadores chegará a sua hora de justiça social. Isto mesmo eu tenho escrito, por outras palavras, nos meus livros. Isto mesmo já eu fui dizer, duma vez, a uma reunião de operários. Ditadores, despotas, tudo isto tende a desaparecer, e quanto mais pacificamente melhor para todos. Repugnem-me todas as violências. Não compreendo como as clas-

ses conservadoras, no seu próprio interesse, não evitam estas lutas.

«Se eu pudesse, ainda a bem da humanidade, aconselharia essa gente a ser mais transigente, menos egoísta, e no seu próprio interesse — no seu próprio interesse e no de todos.

«Fascismo italiano e ditaduras espanholas, tudo mudas políticas de curta duração»

«Acredita que será possível entre nós a eclosão dum movimento conservador, no género dos que irromperam em Itália e Espanha?»

«Mas, então, não têm visto a forma trágica com que essas coisas tristes têm acabado entre nós? Um pouco de juízo e de piedade, será o suficiente para nos afastarmos dessas violências que nada resolvem.

«Mas eu não quero saber de políticas ou de governos, e nestes conflitos apenas me impressiona o sofrimento humano.

«Essas fórmulas, italiana e espanhola, entre nós, seriam pura loucura — uma trágica aventura que aumentaria os nossos males. De resto, mesmo naqueles países, tudo isso será — verá — modas políticas de curta duração.

«Como entende que os trabalhadores devem orientar o seu protesto, a sua revolta?»

«Organizando-se cada vez mais, num sentido de chamarem a essa organização todos os indivíduos que trabalham e produzem, partindo do princípio que nem só os que trabalham nas fábricas e oficinas são trabalhadores. Para que o mundo caminhe e se aperfeiçoe, carecemos do concurso de todos os homens de inteligência e coração. E maior será a perfeição humana quanto mais os operários levantarem o seu nível moral, cuidando da sua educação e apurando a sua acção profissional.

«Crê, então, que o futuro pertence às nossas e modernas ideias, e que os trabalhadores tem direito a uma mais justa vida?»

«Como não havia de crêr? Toda a minha vida literária gira em redor dum sentido, uma generosa aspiração que a todos — mas a todos sem excepção — devia interessar, para bem da humanidade.

«Entende que os trabalhadores devem procurar estreitar solidariedade com intelectuais que comungam nas suas ideias?»

«Sim, entendo que os trabalhadores devem fazer soar bem alto, embora sem escusadas violências, o clamor da sua justiça, a ânsia das mais sagradas aspirações. E nenhum intelectual, nenhum artista que o seja, sinceramente, poderá deixar de seguir, com interesse, a evolução humana. A mais bela obra de arte seria o aperfeiçoamento, a redenção da humanidade, a implantação da paz definitiva no mundo. Pergunto a mim mesmo, se isto não seria o mais alto sonho do pensador e do artista!

«Encerrámos a entrevista. E sob a influência destas palavras tão amigas, tão leais, tão severas, Raúl Brandão engrandeceu-se aos nossos olhos como um nobre camarada. Pensando na sua obra literária dum tão grande valor, que dele fez um dos maiores escritores, não só de Portugal como da Península, registamos com um grande orgulho o exemplo da sua solidariedade, que podemos lançar ao rosto daqueles que se envergonham de acamardar com os trabalhadores.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

SÃO LUÍS

A estreia de La Argentina

Depois de La Goya, Argentina. Quanto a nós, esta última dá-nos mais realitica-mente a Espanha viva, cantadeira, aberta num sorriso prolongado como os seus cravos e abanicos.

Argentina condensa nos seus movimentos o recanto sentimental da raça de Pelayo e D. Quixote. A ondulação que o movimento do seu corpo exprime tem a cadência dos mantos que se desceram ou cerram ao sabor da alma da mulher espanhola, requadrada e curvilínea de atitudes, quente de olhares, misteriosa de cordas vocais.

Argentina faz correr diante de nossos sentidos a volúpia andalus, o cavalheirismo madrileno, o arroubo sereno e dissonante de musicalidade dos valencianos, a calma ingenuidade galega, pasmada e simples, recatada e chulante.

Por isso o número da «tonadilla» que mais nos embeveceu foi a suite culepica do regionalismo espanhol e o «zapateado», às vezes quasi acrobático na sua subtileza de tocar o chão. Argentina sorri então com as mãos, os olhos, os pés e fala com as dobras do seu manto, com o floreio do seu penteado, com o ruborismo dos seus olhos enlanguescidos.

Argentina é grande, e isso lhe basta, no género retintamente espanhol. Brasa da vida, hino de mocidade, o seu corpo fluida-se na cristalização da sua raça. Assim a vimos e ouvimos. E nesse recesso da sua sensibilidade artística é que o público sentiu todas as cordas da sua vibratibilidade!

NOGUEIRA DE BRITO

Notícias

Na próxima segunda feira realiza a sua festa artística no Coliseu dos Recreios, com a despedida da grande companhia de circo, o exímio professor de equitação Roberto de Vasconcelos que ali tem alcançado um extraordinário sucesso.

Inaugura hoje os seus espectáculos em duas sessões com a esplendida revista «Mola Real» o Apolo, que ficará sendo o teatro mais barato da capital, pois que um «fauteuil» custará apenas 7500.

Teatrinho Juvenil

E' amanhã que este original teatrinho (na rua das Escolas Gerais) dá o seu primeiro espectáculo para o público, tendo sido reservados para os seus amigos e assinantes os que se realizaram até hoje. Representa-se «As irmãs», fina peça de Gaston Dévère, encenada por Araújo Pereira, e onde os cinco papéis femininos fazem brilhar admiravelmente os talentos estudiosos e perfeitos das senhoras que os desempenham. Essas artistas serão para muitos uma revelação.

Recêlames

Ribeiro Lopes explicará esta noite no Nacional, a conveniência que há em possuir o almejado furo policial e essa demonstração será deveras original e muito aplaudida.

Todos os momentos que ficam livres das representações são, agora, empregados, no Eden Teatros, nos últimos ensaios da magnífica «A semana dos 9 dias», os quais estão sendo dirigidos pelo ilustre actor Otelo de Carvalho.

A galante revista «Fruto Proibido», que reaparece no Eden, pouco mais representações dará, repentinamente amanhã.

São quatro as diversões carnavalescas que se realizam no Eden Teatros, sendo os espectáculos seguidos de deslumbrantes bailes de máscaras.

Hoje realiza-se no Coliseu dos Recreios o antepenúltimo espectáculo da grande companhia de circo com um programa magnífico.

Amanhã realiza-se uma grandiosa «matinée», que será a última da temporada.

Continuam a venda no Coliseu dos Recreios os bilhetes para camarotes para qualquer dos dias de Carnaval e para os magníficos espectáculos e bailes que ali se realizam durante a quadra; para o que se está procedendo a vistosas ornamentações e iluminação que este ano atingem um brilho surpreendente.

CONFERÊNCIAS

«A classe média»

Proseguindo na série de conferências promovidas pela Associação de classe de Empregados de Escritório realiza amanhã, pelas 21 horas, na sede daquela Associação, rua da Madalena, 225, 1.º, o dr. sr. Amâncio de Alpoim uma conferência sob o tema «A classe média».

A entrada é pública.

Sociedades de recreio

Sociedade F. «Alunos de Apolo» — Hoje, às 21 horas, e nos dias de Carnaval realizam-se bailes e outras diversões.

Grupo Dramático Ferroviário — Realiza-se amanhã um interessante espectáculo com o seguinte programa:

1.ª parte — Concerto por um grupo de bandolinistas; «Uma anedocta», trecho dramático de Marcelino Mesquita. 2.ª parte: Variações à guitarra, por Francisco Pereira da Silva (Bombita), acompanhado à viola por Joel Barradas; recitação, por M. T. «Um doido com juízo», por Mário Rafael; «O Zabumba», por José Pinto. 3.ª parte: «O Alho» (monólogo cómico), por Francisco Paulo Prego; a canção nacional, por Joaquim Campos; canções brasileiras, por Joel Barradas.

Associação Concentração Musical 24 de Agosto — Hoje, recita e baile de máscaras.

Rendimentos dos operários

No Banco do hospital de São José recebeu curativo e seguiu para a casa, Izilda da Conceição, de 19 anos, natural e residente em Porto Brandão, que ali, na fábrica de Conservas, de onde é operária, foi colhida por uma máquina de cortar folha, ficando com três dedos da mão esquerda decepados.

A Sala de Observações do mesmo Banco, recolheu João Madeira, de 10 anos, natural de Caparica, residente no Porto Brandão, que quando ali andava na estiva da sardinha para a fábrica de conservas ali existente, foi colhido por uma roda de ferro, ficando muito contuso na cabeça.

DICKY

Amanhã, como se sabe, efectua-se o 1.º baile de máscaras no Nacional, e, para que a animação não cesse, serão vendidos no intervalo das danças deliciosos bolos, espumante champagne, chocolate e chá, que poderá ser bebido junto do mais original «jazz-band», autêntico norte americano.

DESPORTOS

Comentários da semana

Gastronomia desportiva

«Os Sports», falando do banquete que a Associação de Foot-ball de Lisboa ofereceu aos jogadores portugueses e cuja veracidade foi contestada pelo «O Sport de Lisboa», diz:

«O banquete do Tavares, a que assistiram 70 convidados, foi mais um impulso notável para a causa desportiva em Portugal».

Aqui deve haver engano; o que no Tavares se impulsionou foi a causa gastronómica, a não ser que se considere a gastronomia como um desporto...

Tudo bem, mas...

«O Século», na crítica que publicou do desafio Porto-Lisboa, elogiava a linha de ataque, a linha de médios e a defesa do grupo do Porto, considerando-as como boas e produtivas o seu trabalho. Nesse caso, como diabo conseguiram os lisboetas enfiar a bonita soma de 6 bolas contra 1 do Porto?

Uma festa desportiva

O Grupo Desportivo do Grupo Dramático «Os Combatentes» organizou uma festa desportiva, da qual faziam parte desafios de futebol. E vai saltar de lá a Associação de Foot-ball e proíbe a festa, baseando-se em que as entradas eram pagas. E o grupo organizador, tudo de mais amador que lá viu os seus intuitos prejudicados pelos «mandões» da Associação, sobre cujo profissionalismo muitos desconfiam já. Digam-nos os camaradas de «Os Combatentes» o que ganharam com a sua adesão à Associação. Pois se aquilo é bom só para os clubes ricos, está bem de ver...

Sobre este assunto é possível que ainda tenhamos de fazer algumas considerações, às quais caberia bem o título de «As nebulosas vantagens que a adesão à Associação apresenta aos clubes pequenos».

União de ciclistas lisboenses

No próximo dia 15 realiza uma corrida pedestre com o seguinte itinerário: Paridade — Campo Grande, Campo Pequeno, Avenida República, Avenida Casal Ribeiro, rua Pascoal de Melo, Avenida Almirante Reis, rua Registo Civil, rua Maria — Chegada.

Para esta corrida oferece a União, aos três primeiros classificados, três artísticas medalhas.

Vendedores de jornais

O Vendedor de Jornais Foot-ball Club comemora hoje o seu aniversário, realizando, às 15 horas, uma sessão solene para a qual estão convidadas individualidades em destaque no meio desportivo.

O torneio relâmpago

EVORA, 10.—Do torneio «Relâmpago» realizado no passado domingo, apenas saiu como finalista Juventude (A). Comércio e Juventude (B), empataram 2-2, motivo esse que os fará encontrar novamente, no próximo domingo, para apuramento do finalista que no mesmo dia jogará com Juventude (A) — C.

Vendedores de jornais

O Vendedor de Jornais Foot-ball Club comemora hoje o seu aniversário, realizando, às 15 horas, uma sessão solene para a qual estão convidadas individualidades em destaque no meio desportivo.

O torneio relâmpago

EVORA, 10.—Do torneio «Relâmpago» realizado no passado domingo, apenas saiu como finalista Juventude (A). Comércio e Juventude (B), empataram 2-2, motivo esse que os fará encontrar novamente, no próximo domingo, para apuramento do finalista que no mesmo dia jogará com Juventude (A) — C.

Comício de industriais

Em virtude da queda do governo, ficou o comício que devia efectuar-se ontem na rua Coelho da Rocha, 36, transferido para a próxima terça-feira, 17, pelas 17 horas prefixas.

MOLA REAL

É hoje noite de alegria e de gargalhada no Apolo, com a inauguração dos espectáculos da revista «Mola Real», oito espirituosos quadros, ornados de linda música e interpretados por todos os artistas da nova companhia de revistas.

FACTOS DIVERSOS

Concurso de cegos

A comissão organizadora de festas do S. H. Mar talógico realiza no dia 21 do corrente um concurso de cegos, cujo produto reverte a favor da propaganda e da escola deste sindicato. Serão distribuídos três prêmios: o 1.º a mais científica, o 2.º a mais ideológica e o 3.º a mais burlesca. Na sede encontram-se todos os dias uma camarada para dar todos os esclarecimentos precisos.

Exposição de fotografias

Foram conferidos os primeiros prêmios a Domingos Alvão e Eduardo Correia, do Porto; Alfredo Branco, Jorge A. de Almeida Lima e José de Abacassis, de Lisboa.

A exposição conserva-se aberta ainda por mais oito dias.

Imprensa

Por motivo de mudança da instalação tipográfica, só nos primeiros dias da próxima semana reaparecerá o jornal da noite «A Voz Pública». A sua redacção e administração continuam a ser na alameda de São Francisco, 21, 1.º

A's Agências e Consignatários

A Associação de Classe dos Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa faz público que se encontra aberta a executar todos os serviços inter-entrepósitos da A. G. do P. de L. e, consequentemente, a fornecer o pessoal nas condições previstas no seu regulamento. Trata-se com o fiscal da Associação, R. João Evangelista (Campo das Cebolas), das 7 horas às 17.

Caixa Económica Operária

Um protesto dos seus corpos gerentes

Pedem-nos a publicação do seguinte:

«Os corpos gerentes da Caixa Económica Operária, apreciando o motivo que levou a polícia de investigação a deter o presidente da direcção, protestam indignadamente contra a ilegalidade por que foi caracterizado este facto, porquanto tratando-se de questões de inquilinato, como é o ter esta trancada as portas ao Centro R. Radical elas devem ser derogadas às instâncias do foro e não a quaisquer entidades com capacidade em plano secundário».

«A Batalha» na provincia e arraiajos

Sintra

As «forças vivas»

SINTRA, 12.—As «forças vivas» daqui não acabaram as determinações da U. I. E. com excepção de dois mais reaccionários. Poucos foram também os que protestaram contra a atitude do governo cessante. — E

Os padeiros

SINTRA, 12.—Cafu o governo e os padeiros aproveitando-se da sua queda elevaram o preço do pão para 2140 isto é mais 540. E' mais uma infâmia que se cometeu contra os consumidores. — E



CARTA DO PORTO

Em volta dum rapto

Vai-se esclarecendo o caso da Trindade. — A polícia finge que investiga

O caso jesuítico da ordem da Trindade continua a dar que falar. E continua a ser debatido porque se vai apurando os motivos que levaram as irmãs de caridade da daquela Ordem a enganar a menina Maria Diamantina Cabral.

Os mandamentos da lei de deus consideram um crime a cobiça. Mas como, afinal, essa prática é só para uso externo, que não para o interno, as beatas da ordem da Trindade entraram de farejar as posses da menor rapta...

De pergunta em pergunta, de investigação em investigação, o beatório da célebre ordem em referência chegou à conclusão de que a família da Diamantina possui, no Douro, umas magníficas propriedades...

É claro: os olhos das mães da ordem esbugalharam-se, e esperaram o furo. E então que muito habilmente se preparou o ardil. Meteram, cautelosamente, na cabeça da ingênua a piedosa ideia de se entregar inteiramente a deus, se queria, depois de morta, alcançar o reino da divina glória. Lá seria muito feliz...

Aldega, que que surgiu a piada, descrita numa das cartas a que já nos referimos, da Maria Diamantina se haver apaixonado por um homem... Se a vítima cumprisse a vontade das irmãs da caridade da ordem da Trindade, o pai do céu, qual Júpiter voluptuoso, ficaria sendo muito se amante...

A menina deixou-se seduzir... por estas aspirações... Entregou-se, porém, a deus, mas ficou na Trindade, isso é que podia estragar as ambições "objetivas" das "alcoiteiras" fanáticas: ficava muito perto da família e da poderosa, gradualmente...

... tornar a desviar o pensar da menor... A poderosa matemática do "venha a nós" religioso teve este luminoso cálculo: encalçou-se a Maria, que não é Madalena, num compartimento de 3.ª classe... porque ela embarcou em 3.ª classe... e exportou-se para o Convento-colégio da Saravia, de Tui.

Como ela é herdeira universal dos bens da família, das apetitosas propriedades do Douro, quando a família morrer — que pena não se lhe apressar a morte — passa tudo para a sua posse. Depois faz-se o resto, isto é: consegue-se que a "religiosa" Maria Diamantina dê todos os seus haveres e rendas para a causa de deus...

Dito e feito. Encarregou-se desse negócio uma "ilustre" beata, que as autoridades tinham em não querer descobrir, e lá a levou, desde as areias de Portugal até às de Espanha, pagando todas as passagens...

Quando se chegasse ao apuro de contas, está bem de vêr: metade da herança era para o Colégio-Convento de Tui e a outra metade para os piratas da ordem da Trindade...

O arranjo, pelo menos por enquanto, ficou-se, mas não inteiramente, porque, segundo a confissão da própria rapta, o colégio jesuítico da Saravia ainda "abichou" um saiofe, umas calças e um casaco, para não perder tudo...

Quando ao resto do vestuário e dos objectos de ouro é que permanecem ainda em completo mistério. «Não os «paparam» as beatas da ordem da Trindade?»

A juntar ao verdadeiro móbil desta façanha jesuítica, esquecia-nos dizer que nesta «opereta» católica entrou também um padre que costuma, sem intenção criminosa, já se vê, visitar frequentemente as «damas» da ordem... que deviam ser obrigadas a pagar os objectos «extraviados» da engada Maria, além do abuso de, sabendo onde parava a vítima, ter negado à família o seu paradeiro...

Como tudo isto tem dado escândalo, mexem-se influências para que as autoridades não prossigam nas suas indagações, evitando-se maior escândalo ainda. A avaliar pela complacência para com a sequestradora e pela maneira vagarosa como procede nas suas pesquisas, parece que realmente cedeu aos rogos e às possíveis compensações... da ordem da Trindade e do padre...

Seja tudo pelo amor de deus...

10 de Fevereiro de 1925.

C. V. S.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Messines está descontente

MESSINES, 12.—É grande o descontentamento, contra as forças vivas que pretendem fazer baixar os salários enquanto nos preços dos géneros não se verifica melhoria alguma, pois até a farinha subiu já de preço...

A crise em Moura vai agravando-se

MOURA, 10.—A crise de trabalho vem atraindo consideravelmente nesta localidade, bastantes operários se encontram desocupados, em especial rurais.

Em virtude de resoluções tomadas numa assembleia do Sindicato da Construção Civil, foi o conselho administrativo deste sindicato, junto da Câmara, acompanhada de 30 operários, pedir para que abrisse os trabalhos que tem paralisados e para que fosse o proprietário a abrir as suas obras, pedindo assim providências para que se atenuasse esta desoladora situação, pois camarádas há que há dois meses que não ganham o sustento para as suas famílias.

O presidente da Câmara respondeu que esta não podia continuar as suas obras por falta de verba, mas que ele pessoalmente podia dar trabalho nas suas propriedades com o salário de 7500 do nacer ao por do sol. Disse mais que a Câmara só dava trabalho por empreitada por concurso público (mas o que certo é que a Câmara tem empreiteiro certo) e que ia telegrafar ao governador civil do distrito e ao ministro do Interior pedindo providências.

O presidente da Câmara pretendeu, certamente, escarnecer os trabalhadores, pois o salário que oferece é miserável e não é aceitável a condição de trabalhar do nacer ao por do sol...

Lede o Suplemento de "A Batalha"

CONTRA O MOVIMENTO DAS "FORÇAS VIVAS"

O operariado continua manifestando a sua disposição de lutar encarnadamente para esmagar uma ditadura que ameaça a sua vida e a sua liberdade

Um comunicado da Federação Marítima

O Secretariado e restantes corpos gerentes da Federação Marítima felicitam com orgulho entusiástico, a maneira elevada e firmemente consciente, como a organização marítima cumpriu o seu dever, na grandiosa manifestação realizada pelo povo trabalhador, mostrando assim compreender nitidamente a missão que lhe está atribuída.

O protesto dos Corticeiros de Aldega

ALDEGALEGA, 12.—Refinaram os operários corticeiros desta localidade para apreciar uma circular da Confederação Geral de Trabalho.

Fizeram uso da palavra vários operários, sendo unânimes os protestos contra a ditadura patronal, aprovando-se uma moção que tinha as seguintes conclusões:

1.ª Proclamar alto e publicamente o seu mais absoluto desprezo pelos quadrelheiros da União dos Interesses Económicos.

2.ª Quando surgir a hora da luta, empregar contra os mesmos, todas as armas, ainda as mais violentas.

3.ª Dar o seu incondicional apoio à C. G. T., para qualquer movimento que a mesma leve à prática, atinente a fazer encolher as garras a todos bandoleiros do comércio, finança, indústria e seus seguazes políticos.

4.ª Promover uma constante agitação de maneira a todo o proletariado estar vigilante para a luta a travar contra os corvos da União dos Interesses Económicos.

Na mesma ordem de ideias foi aprovada a edição dum manifesto ao público de combate à U. I. E.

A sessão foi encerrada com vivas à C. G. T., a Batalha e à revolução social e morras à ditadura patronal...

Os confeiteiros do Porto pautam a sua atitude de protesto

PORTO, 12.—Na última assembleia geral efectuada na Associação de Classe dos Artistas Confeiteiros e Artes Correlativas, entre outros assuntos de interesse colectivo para os seus associados, foram largamente discutidos os propósitos reaccionários da chamada União dos Interesses Económicos, sendo, por unanimidade, aprovada a seguinte moção:

«A Associação de Classe dos Artistas Confeiteiros e Artes Correlativas do Porto, reunida em assembleia geral, apreciando a acção que se propõe realizar a decantada União dos Interesses Económicos, no sentido de estabelecer uma ditadura patronal com o fim de cercar ainda mais as parcas regalias conquistadas pelo povo trabalhador e melhor especular com a miséria deste;

Considerando que o povo trabalhador, já farto de sofrer a ditadura financeira dos altos potentados da indústria, comércio e agricultura, não pode agora consentir mais nessa anunciada e nefasta ditadura que redundaria numa feroz perseguição ao operariado, como actualmente sucede na Itália, Espanha e outros países;

Considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação deve ser a sentinela vigilante da Liberdade, não consentindo que seja mais escravizado do que já é presentemente; resolve: protestar veemente contra os manejos da União dos Interesses Económicos e dar o seu incondicional apoio à Organização Operária no sentido de obstar, por todas as formas, ainda mesmo recorrendo à insurreição, à tentativa de se implantar no país a ditadura patronal referida»...

O povo de Évora contra a U. dos I. E.

Um comício e uma manifestação imponentíssima

EVORA, 10.—Promovido pela U. S. O. teve lugar nesta cidade, no dia 10 do corrente um imponentíssimo comício. A assistência foi aproximada de 4000 pessoas.

Presidiu Inocêncio Vermelho, que expôs o fim único de tão extraordinária reunião: protestar contra todas as pretensões que a União dos Interesses Económicos deseja impor ao povo, que quer ser livre, e que se revolta contra todas as oligarquias.

O orador acusa também o actual governo por não ter concedido aos operários, e a todos os trabalhadores, uma pequena parcela de bem estar ou de liberdades que de direito lhes pertencem. Declara ao terminar, que a razão porque tão grande número de

INDUSTRIA DE CONSERVAS

PREVENÇÃO

A Federação dos Operários da Indústria de Conservas previne os operários da indústria que não devem ir para Setúbal em procura de trabalho, visto ali haver um grande número de operários desempregados, e lembra a mesma Federação que os operários só se devem deslocar dum localidade para outra quando os respectivos sindicatos afirmem a possibilidade de conseguir trabalho.

Soldadores de Vila Real

VILA REAL DE SANTO ANTONIO, 10.—É lamentável o que se vem observando na classe dos soldadores. Estes operários, atacados dum incompreensível desleixo têm deixado o seu sindicato ao abandono, gastando o tempo em outras coisas que, contrariamente às vantagens pelo sindicato dadas às classes que as sabem manter, lhes podem ser prejudiciais.

É necessário que os soldadores acudam ao seu sindicato que ameaça decair, se não querem sofrer amanhã uma decepção, quando a ele precisem de recorrer...

trabalhadores ali se encontra, não é apoiar um governo, mas sim protestar contra todas as tiranias, que as chamadas forças vivas, ensaiam para agrihoar todos quantos querem ser livres.

Segue-se-lhe Francisco Marques, na mesma ordem de ideias, que declara que o actual governo é o único governo democrático que, desde o advento da República, pela primeira vez subiu às cadeiras do poder.

Elas Matias refere-se também às pretensões das «forças económicas», apontando-as como um futuro elemento de tiranias e despotismos, a que as classes que tudo produzem devem opor-se fortemente, e por todos os meios.

Joaquim Nogueira, velho militante, alonga-se em considerações acerca dos efeitos da guerra, reflectidos, presentemente, só nos lares daqueles que enriqueceram, com o seu braço vigoroso, os que hoje se apresentam com o rótulo de União dos Interesses Económicos.

O discurso do delegado juvenil

Manuel Viegas Carrascalão, subindo também à improvisada tribuna, declara que, de passagem pela cidade de tradições libertárias, não podia, atendendo à situação que o país atravessa de Norte a Sul, em nome da Federação das Juventudes Sindicatas, que representa, deixar de dizer que tendo percorrido parte do país, constatou a grande miséria que o operariado, e todas as classes produtoras atravessam, lutando com uma tremenda crise de trabalho.

Revolta-se contra as forças económicas, dizendo também que não sabe se se há de insurgir contra esses elementos, ou contra a cobarde incuria dos operários, que não estão organizados como deviam, e como era seu dever, para conseguirem meter na ordem a burguesia.

O orador alongando-se em propaganda sindicalista revolucionária, dirige-se para o grande número de burgueses, que das janelas da Sociedade Harmonia, se viam escutando todos os oradores, fazendo-lhes ver o perigo que os ameaça se não quizerem atender as reclamações de todos aqueles que moirão para angariar os meios indispensáveis à vida.

Uma provocação das "forças vivas"

António Pató dirige-se ao povo eborense, frisando-lhe a falta de moral que preside aos actos das «forças vivas», que tinham marcado para o mesmo dia e hora, uma sessão de propaganda no Salão Central Eborense. Apela o orador para que todos os operários ingressem nos seus respectivos sindicatos. Diz também que não defende governos, sejam eles radicais ou democráticos; esterioriza simplesmente o seu sentir e nada mais.

Novamente, Manuel Viegas Carrascalão usa da palavra para afirmar o que disse na primeira vez, que os políticos que convidaram os seus correligionários a comparecer no comício, não tiveram a coragem para publicamente, por meio da palavra, darem o seu apoio ao protesto contra as «forças vivas». Incita os trabalhadores a que desconfiem sempre dos políticos que, aproveitando-se das próximas eleições pretendem ludibriar as massas proletárias.

Refere-se também a Cunha Leal e João Pereira da Rosa, como os homens em evidência no movimento das forças económicas, apelando-os de canchais, sumamente tirantes. Desafia todos quantos o ouviam, à controversia, mas ninguém, nem uma só pessoa replicou às suas verdades amargas.

João encerra o comício pedindo o orador para que o acompanhassem nas vivas à revolução social e emancipação dos trabalhadores, sendo correspondido, quasi a um tempo, por toda a multidão.

Uma manifestação junto do governador civil

A seguir toda a enorme multidão se dirigiu ao governo civil, onde entregou a referida moção, tendo o governador civil recebido muito bem a comissão e chegando depois a uma das janelas, onde manifestou a sua profunda satisfação pela maneira ordeira e correcta com que todos se souberam conduzir quer no comício, quer durante o percurso até ao governo civil. Pelo governador foram levantados inúmeros vivas, dentre os quais alguns ao operariado eborense e ao povo eborense.

Pouco depois, todos os manifestantes dispersaram as vivas à Revolução Social, C. G. T. e «Batalha»...

Marítimos de Buarcos

BUARCOS, 10.—Em reunião dos corpos gerentes da União Marítima de Buarcos, foram tratados vários assuntos de interesse dos pescadores. Além dos prejuízos causados aos pescadores há um barco de pesca de arrasto que começa a fazer-lhe desde 4 braças de altura de água, o que prejudica todos os marítimos desta localidade pois estes lançam as suas redes precisamente nessa altura, conservando-as ali 4 ou 5 dias. Esse barco leva-lhes assim todo o peixe.

Também tem causado descontentamento a forma porque os barcos são colocados na praia, pois o cabo de mar não sabe ordenar a colocação por forma a facilitar a entrada a todos e a não serem atingidos pela maré...

Aulas da Associação dos Caixeiros

Por especial fineza da Comissão Administrativa do Sindicato Unico Metalúrgico, foi cedida aos alunos da Associação dos Caixeiros e ao seu professor o sr. Augusto José Afonso, uma das aulas daquele sindicato na rua da Esperança, estando já as mesmas a funcionar.

PROPAGANDA SINDICAL

Uma sessão em Vale de Vargo

VALE DE VARGO, 12.—Realizou-se nesta localidade uma sessão de propaganda sindical, com a presença de dois delegados da C. G. T. e da Federação dos Rurais.

Presidiu António Almeida Pulquerio, secretário do Francisco Manuel Vicente e Francisco José Carrasco.

Depois do presidente declarar aberta a sessão usa da palavra Joaquim José Candeira, da F. Rural, aconselhando os trabalhadores a organizarem-se fortemente no sindicato demonstrando os perigos que advêm para a classe trabalhadora do seu indiferentismo. Referiu-se à seguir aos escravos da gleba antiga e aos escravos da gleba moderna. Combatendo os governos e os políticos disse que não há que fiar na obra dos políticos porque são todos iguais.

Jerónimo de Sousa, delegado da C. G. T., num breve discurso demonstra o que é o verdadeiro sindicalismo revolucionário afirmando que a igualdade económica só os próprios trabalhadores a poderão conseguir. Explica que é nos congressos que se orienta a organização, descrevendo a sua mecânica. Atacou os políticos dizendo que ninguém deve confiar nêles apresentem-se embora como os mais revolucionários.

Abel Pereira, do partido comunista, defende a necessidade dos trabalhadores tomarem posse do poder político e económico.

A seguir foi aprovada a seguinte moção: «Considerando que a organização operária portuguesa até hoje tem mantido a orientação sindicalista revolucionária, a que mais convém ao povo trabalhador, porque estabelece uma sociedade que garante a igualdade económica de facto; esta associação, reconhecendo que a emancipação do povo trabalhador só pode ser obra do mesmo povo;

Resolve: manter íntegro os princípios que vem defendendo desde o Congresso da Covilhã, arredando por todos os meios as influências estranhas aos princípios que norteiam a organização sindicalista revolucionária».

A sessão foi encerrada no meio do maior entusiasmo, com vivas à organização operária, à C. G. T., à Revolução Social e morras aos políticos...

Uma sessão em Moura

MOURA, 9.—No dia 7 passaram por esta localidade dois delegados em missão de propaganda, tendo-se realizado uma sessão no Sindicato dos Operários da Construção Civil. Abriu a sessão sob a presidência de João do Carmo Brito, secretário por Pedro da Conceição Barradas e Joaquim José Sameiro.

O secretário geral do Sindicato saíra dos trabalhadores rurais, que em grande número estavam representados, e os delegados, Joaquim Candeira, da Federação Rural, em primeiro lugar congratula-se com o estado de consciência do operariado, passando depois a expor a mecânica da Organização. Afirma que o actual momento exige uma forte agitação. Referindo-se à falta de produção e à crise sofismada, afirma que o mal estar da humanidade deve-se à burguesia e seus governos.

Jerónimo de Sousa, da C. G. T., saíra do povo de Moura, falando da formação da nova sociedade, baseada no Socialismo. Explica as vantagens da solidariedade internacional e as ligações com as centrais, citando vários factos. Ataca as «forças vivas» e os governos, salientando a situação económica em que se encontra o operariado. Aconselha todo o operariado a organizar-se, terminando por afirmar que ele encontra em A Batalha o seu melhor defensor.

Foi apresentada pelo Sindicato da Construção Civil uma moção que foi aprovada por unanimidade, encerrando-se esta sessão com vivas à A Batalha à Organização e abaixo às «forças vivas»...

Profissionais da Imprensa

A Direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa envia-nos a seguinte nota: «A Direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa protesta contra a insinuação contida numa local inserida na segunda página do jornal O Seculo de ontem, sob o título «Porte de Arma».

A Direcção julga-se no dever de explicar a todos os jornalistas que se pediu ao sr. ministro do Interior a concessão da licença graciosa de uso e porte de arma, para os socios do Sindicato, foi pela circunstância de ser indispensável que a Direcção se responsabilizasse pela idoneidade das pessoas a quem foi concedida tal licença, responsabilizando a Direcção não podia legitimamente assumir acerca dos não associados.

Em virtude do sr. ministro do Interior, atendendo às sugestões que lhe foram feitas, estar no propósito de tornar extensiva a aludida regalia a todos os profissionais da Imprensa, desde que se responsabilizem pela idoneidade dos não associados os directores dos jornais onde trabalham, a Direcção do Sindicato só tem que congratular-se pela sua iniciativa, que tanto vem beneficiar todos os seus confrades na Imprensa.

A Direcção do Sindicato presta justiça aos seus camaradas da redacção de O Seculo, que todos são já, ou estão propostos, socios desta colectividade, julgando-os incapazes de redigir a local a que esta nota alude».

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Ontem este Secretariado deu despacho a vários expedientes existentes e constata entre o mesmo a forma pouco delicada com se nos dirige o Sindicato Unico da Construção Civil de Viana do Castelo, sobre uma consulta prestada por este Secretariado e que tencionamos apresentar ao Conselho Confederal a fim de ser esclarecido este caso que reputamos de muito grave.

Por ter saído errado, mais uma vez pedimos aos organismos das várias localidades que se nos dirigem sobre assuntos a tratar nos Tribunais de Accidentes de Trabalho e Arbitros-Avindores, para que as suas reclamações sejam feitas em duplicado e em papel de 25 linhas.

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne na próxima terça-feira, pelas 20,30 horas, para tratar assuntos diversos.

COMUNICAÇÕES

Manipuladores de Pão.—Reuniram-se esta classe em assembleia geral, tratando de diversos assuntos, entre eles a questão das médias.

Aberta a sessão usa da palavra Cândido Marques, lamentando que os caixeiros só se queixem aos cobradores e quando das reuniões todos se calam. Protesta contra os que assim procedem, porque são os mesmos que pesam o pão em massa com 470 grammas, defraudando assim o público em 130 grammas de pão. Ataca os fiscais comerciais, as mulheres ao balcão das padarias e o procedimento de Castanheira Nunes pela forma como persegue o operariado.

A seguir falam António das Neves, Pedro Paz, Manuel Pereira e Domingos Gonçalves, que atacam fortemente a gerência das fábricas de Panificação, que chegam a mandar pão cheio de bolor para ser vendido ao público.

Por último o chefe dos fiscais apela para que todos os caixeiros não roubem o público, pesando o pão certo. Declara que, quando no exercício das suas funções, encontrar o pão falsificado, imediatamente superenderá esses caixeiros porque os considera ainda mais exploradores que os próprios patrões.

O presidente exorta a classe a fazer a máxima boicote aos jornais Seculo e Diário de Notícias por serem os órgãos defensores das «forças vivas». Foi aprovada uma moção para que as médias a pagar por quilo de farinha sejam de 3050 para o pão de 1.ª, 3800 para o pão de luxo e 2300 para o de 2.ª. No final foi tirada uma quele para os presos sociais da classe, que rendeu 520550.

Pintores de Construção Naval e Anexos.—Reuniu a Comissão Administrativa deste organismo, que depois de ter apreciado a elaboração do Regulamento de Trabalho e as Bases Orgânicas do Conselho Técnico, resolveu realizar uma assembleia geral depois de amanhã, pelas 14 horas, na sede da associação, para a aprovação dos referidos documentos. Aprovou novos sócios.

Sindicato Unico Metalúrgico.—Reuniu a comissão administrativa, dando o devido despacho ao expediente, e sendo aprovados 39 novos sócios. Resolveu ceder a sala a um camarada sindicado, para uma festa.

Litógrafos e Anexos.—A reunião marcada para ontem não se efectuou em vista da chuva que caía com abundância. A mesma fica adiada para terça-feira, 17.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE

Federação Nacional dos Trabalhadores dos Caminhos de Ferro.—Pelas 21 horas, a Comissão Executiva, para tratar de vários assuntos inadiáveis.

Pessoal de Rebocadores e Gazolinhas do Porto de Lisboa.—Para tratar de assuntos de inadiável solução, pelas 19 horas.

Manifatores de Calçado.—A assembleia geral, para apreciar os relatórios da comissão revisora de contas, da comissão da festa pro-doentes da classe, e o relatório moral e financeiro da última direcção. A mesma assembleia nomeará a comissão revisora de contas.

Operários Alfaiates.—Em sessão conjunta, a direcção, mesa da assembleia geral, conselho fiscal, comissão escolar e delegados à U. S. O., a fim de tomarem importantes resoluções.

SOLIDARIEDADE

A favor de Eduardo Jorge

No Salão de Festas da Construção Civil realiza-se no domingo uma grandiosa «matinée» de homenagem a Eduardo Jorge, promovida por um grupo de amigos e em que tomam parte, por especial deferência, o Grupo Dramático Ajuda-Club e a Troupe de Bandolistas Alfredo Ribeiro Teixeira.

O programa é o seguinte: Representação de «O Gaiato de Lisboa»; da peça em 1 acto «A Sonata»; dum acto de variedades e versos por José Benedy. O extimo concertista de guitarra Jorge Gonçalves e o seu viola António Barradas executar vários números.

Nos intervalos, a Tuna executará um escolhido repertório. Alvaro de Sousa cantará lindas canções acompanhadas à guitarra. Os bilhetes podem ser requisitados a Alexandre Rosado, tipografia de A Batalha.

Previnem-se os portadores de bilhetes para a festa de Solidariedade a José Lopes, que a mesma ficou transferida para o dia 28 do corrente.

No Salão da Construção Civil

É hoje, pelas 21 horas, que se realiza o concurso de cegadas, de carácter social, em favor dos melhoramentos a fazer no palco do salão.

Solicita-se aos componentes das cegadas já inscritas, e aos das que se queiram ainda inscrever, para comparecerem à hora acima indicada.

O júri para a classificação dos 3 premios aos concorrentes é composto por 5 elementos de reconhecida competência nestes assuntos.

Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa

Recebemos o seguinte comunicado: «O Sindicato do Pessoal do Tráfego torna público que entrevistou algumas entidades representativas das agências de vapores, esperando em breve ver solucionado o conflito latente.

Até atingir esse «desiteratum» a direcção deste sindicato previne os seus componentes, de que se devem manter na mesma linha de conduta.

Avante, pelas reivindicações apresentadas».

PARA DIAS PRÓXIMOS:

Sindicato Unico Metalúrgico.—Pede-se a comparencia da Comissão Administrativa, Conselho Técnico, Federação e Comissões administrativas das Secções amanhã, pelas 14 horas, para um assunto do máximo interesse para a organização.

S. U. da Construção Civil.—Secção dos Pintores.—Reúne na próxima segunda-feira a assembleia desta secção.

SINDICATOS DA PROVÍNCIA

União dos Sindicatos Operários de Setúbal.—Com a presença dos representantes da Federação da Indústria de Conservas, Sindicato Unico dos Fogueiros de Mar e Terra de Lisboa, Soldadores de Setúbal, Carregadores de Pão, Trabalhadores do Mar, Trabalhadores de Fábrica e Construção Civil de Setúbal, reuniu esta União com o fim de apreciar um ofício do Sindicato Unico dos Fogueiros de Mar e Terra, no qual participava que o capitão do porto e armadores dos barcos de pesca desta localidade não davam que fazer aos associados da secção dos fogueiros de Setúbal, pelo crime de serem associados, dando que fazer de preferência aos não associados no mesmo sindicato, e que chamados pelos armadores vinham tripular os barcos de Setúbal, conquanto fossem doutas regiões.

Depois de vários delegados fazerem uso da palavra, acerca do que se passa dentro da Capitania de Setúbal, António Braz, delegado dos Fogueiros, explica como os casos se passam com os fogueiros de Maquinistas, e por sua vez João Maria Major, como presidente da mesa, faz algumas considerações, afirmando que a Capitania de Setúbal é governada pelos armadores.

Januário Sabino, secretário geral da U. S. O., manda para a mesa uma proposta, na qual propõe que sejam nomeados dois delegados para acompanhar o camarada Braz nas suas demarches junto do capitão de porto, e quem de direito, no sentido de evitar represálias aos fogueiros associados.

Posta à aprovação foi aprovada por unanimidade, ficando de acompanhar o delegado dos fogueiros os camaradas Rosado, dos trabalhadores do mar, e Januário Sabino, secretário geral da U. S. O.

Confeiteiros e Artes Correlativas do Porto.—Reuniu, em assembleia eleitoral, este sindicato, ficando os corpos gerentes assim constituídos:

Direcção—Joaquim da Silva Sorte, Gelário dos Santos, Mário Ribeiro Soares, Adílio Rocha Ferraz e Alvaro Moreira.

Asssembleia geral—Luís dos Santos, J. Manuel A. Fernandes e Valentim Moreira.

Delegados à U. S. O.—Joaquim S. Sorte e J. M. A. Fernandes.

Foi deliberado tirar-se, por todas as oficinas, uma quele destinada a Luís Fernandes Larangeira.

União Marítima de Buarcos.—A direcção resolveu festejar o aniversário da União no dia 15 de Março, enviar um delegado junto da C. G. T. para tratar de interesses do sindicato e tratou de uma subscrição a favor de naufragos da indústria.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação.—Comitê federal.—Reúne hoje, pelas 21 horas, extraordinariamente, este comitê.

Núcleo de Lisboa.—Reúne hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral.

Secção dos Empregados no Comércio.—Reúne a assembleia geral na próxima terça-feira, às 21 horas, na sede provisória.

Secção de Belém.—Convidam-se todos os filiados a comparecer hoje, para tratarem de um assunto urgente. Os cobradores devem comparecer às 20 horas.

Operários do município

Entrou ontem em discussão na sessão plenária da câmara municipal o processo respeitante ao pedido de melhoria de situação económica dos operários do município, feita pela sua comissão de melhoramentos.

O presidente da comissão executiva dr. sr. Marques da Costa, depois de largamente se referir ao assunto, apresenta a seguinte proposta que é aprovada por unanimidade: «Proporho que a câmara resolva em princípio equiparar os salários dos seus operários aos da indústria particular, efectuando o pagamento da totalidade dos seus salários à medida que as suas receitas o permitam».

ASSISTENCIA MEDICA

O dr. sr. Raúl de Carvalho, que é subdelegado de saúde, cobrou de passar um atestado de óbito 20800.

Tratava-se de uma criança nascida morta e aquele facultativo, como médico legista tinha o dever de passar o atestado gratuitamente.